

ÍNDIOS TAPEBA NAS ONDAS DO RÁDIO: RECEPÇÃO-PRODUÇÃO DE MÍDIA E DINÂMICA CULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE

Jocastra Holanda Bezerra¹

Resumo: O artigo relata a experiência da Rádio Comunitária FM 104,9 Central de Capuan, organizada por indígenas da etnia Tapeba, no estado do Ceará. Parte-se da afirmação de Jesús Martín-Barbero (1995) que considera a recepção como “um lugar novo para repensar as investigações sobre comunicação, incluindo nessa análise a dinâmica da cultura, os processos de mobilização social e o cotidiano dos receptores”. Os comunicadores indígenas, além de receptores da mídia e da indústria cultural, produzem, eles próprios, seus conteúdos, mensagens e suas próprias mídias. A FM Central surge assim como parte de um processo de reelaboração simbólica, mediada por tradições e inovações. A pesquisa analisa em que medida a apropriação desse meio é relevante para o campo da comunicação e cultura desses povos na contemporaneidade.

Palavras-Chave: Movimentos sociais e culturais populares. Índios Tapeba. Rádios comunitárias. Recepção. Cultura.

¹ Mestranda em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE. E-mail: jocastrahb@gmail.com



1. Introdução

O artigo traz um relato da experiência em comunicação popular da FM Central de Capuan, organizada pelo movimento indígena Tapeba, na comunidade do Capuan, em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza-CE. A FM Central busca ser um canal de ativação social das comunidades indígenas Tapeba, refletindo sua atuação também para outros povos indígenas do Ceará e ainda para não-indígenas.

É importante ressaltar que essa rádio está inserida no contexto do movimento das rádios comunitárias, que atuam no processo de mobilização social em torno da ampliação da cidadania. Para isso, utilizam-se da transmissão às comunidades de conteúdo de cunho cultural, educativo e participativo em torno de uma conscientização política. Nesse sentido, a experiência da FM Central pode ser entendida como mídia comunitária no processo de mobilização social, cultural e política dos indígenas Tapeba.

Nesse contexto, a emissora contribui para a integração e organização dos Índios Tapeba em torno de suas lutas e, sobretudo, assume um papel importante no processo reelaboração simbólica mediada por tradições e inovações, na qual esses sujeitos tornam-se receptores-produtores de mídia e reelaboram sua cultura através de pertencimentos ancestrais e apelos contemporâneos.

Dessa forma, analisou-se o papel que a emissora comunitária cumpre no cotidiano das vivências sociais e culturais dessa comunidade. Em que medida a apropriação de novas tecnologias é relevante para o campo da comunicação e cultura desses povos? Como esses meios de comunicação ampliam e fortalecem o movimento social, cultural e político indígena na contemporaneidade?

Primeiramente, apresenta-se um breve relato da história e luta dos índios no Ceará, mais especificamente a etnia Tapeba, pela sua reafirmação identitária e luta política na atualidade. Esta análise é importante para situar a questão indígena e a história dos Tapeba para melhor compreender a trajetória da Rádio Comunitária FM 104,9 Central de Capuan no contexto indígena.

Em seguida, apresenta-se a pesquisa de produção e recepção da FM Central. Para melhor compreensão, este tópico está dividido em três partes: Primeiro, mostra-se a trajetória de luta dos índios Tapeba pela criação da rádio comunitária. Segundo, analisa-se a produção dos programas. Por último, avalia-se os resultados da pesquisa de recepção realizada com os ouvintes.

A pesquisa se torna relevante e atual na medida em que reflete sobre o uso do rádio, que é um meio de comunicação de massa historicamente usado para fins

lucrativos e de manipulação, para outros objetivos sociais e políticos, ou seja, como instrumento para integração e mobilização social. E reflete sobre a apropriação desse meio de comunicação – que é um elemento de aculturação do ponto de vista hegemônico – utilizado por um grupo étnico dentro do seu processo de mobilização política, social e reelaboração cultural na contemporaneidade.

Para a realização desta pesquisa utilizou-se levantamento bibliográfico, pesquisa documental e de campo. Esta foi realizada através do uso de técnicas qualitativas como: entrevistas semi-estruturadas e observação da produção e recepção dos programas pelos índios Tapeba.

2. Índios Tapeba

A história do Brasil é marcada pelo processo migratório/colonizador iniciado há 500 anos e que se estende até o início do século XX, o qual provocou a extinção de muitos povos indígenas - por meio de doenças, guerras ou mesmo pelo processo de aculturação - e a contínua ocupação das suas terras².

O processo de expulsão e extermínio dos povos indígenas no Nordeste e, mais especificamente, no Ceará não difere muito do processo ocorrido no território nacional. Os índios no Ceará sofreram um intenso e violento processo de extermínio, aculturação e assimilação à população local não-indígena. Processo pelo qual vários povos desapareceram e outros tantos tiveram suas terras incorporadas às propriedades nacionais por meio da alegação da “não existência” de índios em terras cearenses no século XIX (VALLE, 2009). A partir de então, houve um silêncio por mais de um século que negava a existência desses povos no Ceará.

A presença indígena deixou de ser ignorada recentemente, quando na década de 1980 reaparecem as etnias Tapeba e Tremembé reivindicando sua etnicidade (RATTS, 2009). Esse “reaparecimento” representa um novo marco na história desses povos, que ao longo de vários séculos lutaram pelos seus direitos e ainda continuam lutando pela demarcação de suas terras e pelo reconhecimento de sua identidade étnica.

Conforme aponta Gerson Júnior (1998) a partir da organização dos índios Tapeba e o encaminhamento de suas reivindicações para a FUNAI na década de 1980, iniciou-se uma intensa discussão a respeito da presença indígena no Ceará e, posteriormente, o seu reconhecimento oficial.

² A população original de índios foi estimada em torno de um a dez milhões. Atualmente, existem cerca de 460 mil índios no Brasil, distribuídos entre 225 sociedades indígenas, que representam cerca de 0,25% da população brasileira. (HÁ 500 ANOS. FUNAI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.html>> Acesso em: 30 ago. 2009).

Os Tapeba foram reconhecidos oficialmente como indígenas pela FUNAI em 1985. As terras Tapeba, no entanto, só foram identificadas e delimitadas em 1993, constituindo uma área de 4.658 hectares, sendo que a demarcação, só foi feita quatro anos depois. Apesar disso, os Tapeba ainda aguardam o remanejamento da população não-indígena das terras demarcadas e o fim das contestações judiciais (TAPEBA³).

Atualmente, habitam áreas – sítios rurais, povoados, vilas, bairros do perímetro urbano, manguezais – geográfica e ecologicamente distintas de distritos no município de Caucaia, localizado a 16 Km da cidade de Fortaleza. Destaca-se também a significativa presença indígena nas áreas de ocupação dos “domínios da União”, ou seja, nas áreas onde a posse da terra ainda não foi regularizada como indígena (BARRETTO FILHO, 1993).

Esse processo de ocupação dos “terrenos da União” tem na verdade um significado político bem mais amplo. É a mobilização para a regularização fundiária das terras, que na verdade pertencem a esses povos, através das “retomadas de terras”. Conforme Tófoli (2009), quando os indígenas “reaparecem” no cenário regional, o processo das “retomas de terras” passou a ser um mecanismo de luta e resistência dos grupos indígenas pela posse de terra e pelo reconhecimento étnico.

Vale ressaltar que o “reconhecimento” dos grupos indígenas no Ceará apresentou oposições e problemas complexos, sobretudo por pressões de natureza política, exercidas por grupos econômicos que insistem em negar a legitimidade dos direitos indígenas, questionando a autenticidade das suas identidades, a fim de defender interesses particulares. Esse foi, e continua sendo, o principal entrave para o “reconhecimento” da identidade étnica no contexto local (OLIVEIRA JUNIOR, 1998).

Além do processo de luta pela terra, destaca-se também o processo de reelaboração dos referenciais culturais desse grupo. Os índios Tapeba vivem em intenso e permanente contato com os “brancos”, seja no desenvolvimento de atividades produtivas, casamentos, relações de proximidade social, de relações de vizinhança ou mesmo pela cordialidade com a população não-Tapeba (BARRETTO FILHO, 1993).

Conforme o sociólogo Kleber Saraiva (2001, p. 04) “toda cultura se transforma independente do grupo social, étnico ou racial que a abriga”. Dessa forma, a cultura não é algo estático, ela se transforma, é modificada ou reelaborada, como exemplifica Ratts (2009, p. 22) com a dança do Torém:

Na dança do Torém misturam-se cantos “na língua dos índios” e em português que assinalam a reelaboração da cultura e do território

³ Ibid. Acesso em: 26 mar. 09.

indígena: “to escutando a mata sou o pajé de toda a aldeia, os índios reunido brandeia mas não arreia” (canto da autoria de João).

Nesse sentido, é preciso entender que o índio atualmente é um grupo étnico distinto dos “brancos”, mas que através do contato com outras culturas passa por constante processo de reelaboração e, com isso, incorpora outros referenciais culturais (SOUSA, 2001).

No contexto atual de mobilização social e política desses grupos alguns mecanismos são utilizados por esses povos como forma de expressão para afirmar suas identidades diante da sociedade não-indígena. A linguagem estético-corporal (danças ancestrais, pintura e ornamentos), o artesanato, a culinária, os rituais sagrados, e mais recentemente, as escolas diferenciadas, os museus e memoriais podem ser citados como formas de expressão da diferenciação étnica.

Nesse sentido, a FM Central também é um elemento de afirmação étnica, pois a emissora é vista pelos Tapeba como uma “rádio indígena” e como um instrumento capaz de integrar e organizar as comunidades indígenas com o objetivo de ampliar e fortalecer suas lutas.

3. Produção-recepção e dinâmica cultural dos Tapeba

3.1 A trajetória de luta pela criação da rádio comunitária

A Rádio Comunitária FM Central do Capuan funciona em frequência modulada, com faixa de operação em 104,9 MHz, potência restrita a 25 watts e vinculada à Associação dos Moradores e Comunicadores do Capuan – AMCC, de acordo com os termos legais regulamentados na Lei nº 9.612, que legaliza e autoriza o serviço de radiodifusão comunitária. A rádio está instalada na residência do índio José Alves de Sousa (52 anos), localizada em Capuan, distrito do município de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, Ceará. A concessão para funcionar legalmente como uma rádio Comunitária, no entanto, foi conquistada com muita luta após quase dez anos das primeiras transmissões da emissora.

A ideia da criação da rádio comunitária surgiu no ano de 2000, a partir do interesse inicial do índio José Alves de Souza, que já trabalhava na rádio comunitária Continental, que era organizada por uma Igreja Católica na região de Caucaia e tinha como representante o Padre Tula. Mas logo teve amplo apoio de toda a comunidade indígena Tapeba, pois foi identificada como um instrumento para tornar os índios

Tapeba e sua cultura conhecidos pela sociedade não-indígena. A rádio comunitária seria um grande avanço para a reafirmação da identidade étnica desses povos, “a rádio ia dar um passo, um passo muito grande em relação a isso” (J. Alves, 52 anos, Capuan).

O processo de criação da FM Central de Capuan, dessa forma, se inicia no ano 2000, quando o senhor J. Alves de Souza, desconhecendo os procedimentos legais, instala os equipamentos e coloca a emissora no ar.

Começamos a juntar os nossos parentes e vamo lá e foi aquela alegria, um arranjava um aparelho, outro arranjava outro, aquela coisa toda, aquela alegria e montamos. E vamo lá, vamo testar, aí começamos a testar, botamos no ar. (...) Parece que o vento ajudava ia muito longe, muito longe (Adelson Silva, 37 anos, Lagoa 1).

De acordo com a descrição da montagem das instalações da rádio pelo índio Adelson Silva, toda a comunidade se mobilizou para conseguir os equipamentos necessários para a instalação. Apesar dos índios não terem nenhum conhecimento sobre os procedimentos legais, o manuseio a cerca dos equipamentos e transmissões já eram conhecidas, pelo menos, para o senhor J. Alves, que possuía experiência com o meio. Dessa forma, a rádio foi colocada no ar sem autorização, configurando-se, assim, como uma emissora “pirata”, para o julgamento das políticas de concessão de rádio no Brasil.

O nome Central está desde o início da criação da rádio e tem uma explicação. A FM Central de Capuan tem esse nome por causa da geografia do local. O Capuan, que é distrito do município de Caucaia, está configurado no centro das 13 comunidades indígenas que formam o povo Tapeba.

Funcionou como “rádio pirata” durante três anos, até que no ano de 2003 a fiscalização da ANATEL⁴ localizou e fechou a emissora. Durante essa primeira fase de funcionamento, a rádio representou um grande avanço para a luta indígena Tapeba, pois estava a serviço das comunidades indígenas, funcionando como veículo de mobilização e integração dos índios, conforme relata Adelson Silva, que participou da criação e dos primeiros programas da emissora:

Os índio botava na rádio aí não mudava [para outra estação], ficava só aquela rádio direto. Então aí pra passar alguma informação era ligeiro: ah hoje a saúde vai vacinação em localidade tal, era ligeiro o povo já tava organizado; ah hoje na escola vai ter um evento, era casa cheia; muito bom, ninguém perdia nada, ninguém perdia uma reunião, porque não ficava nada sem ser passado e se alguém perdesse [a informação no rádio] já tinha um vizinho que avisava. Foi muito bom! (Adelson Silva, 37 anos, Lagoa 1).

⁴ Agência Nacional das Telecomunicações.

Verifica-se que a FM Central de Capuan, desde suas primeiras transmissões, representou uma experiência muito positiva para fortalecer o movimento indígena. Contribuiu para transmitir as informações às comunidades distantes, assuntos de interesse da comunidade, como informações sobre encontro de professores, reuniões, vacinação, entre outros e era ampla a presença dos índios nesses eventos porque eram informados através da rádio.

Apesar da ilegalidade, os índios Tapeba voltaram a colocar a rádio do ar. Em seguida, receberam novamente outra fiscalização, dessa vez a ANATEL veio acompanhada da Polícia Federal, com mandato judicial destinado a reprimir e fechar definitivamente a FM Central de Capuan. A Polícia Federal fechou a rádio e apreendeu todos os equipamentos. Dois anos depois, em 2005, começaram as tramitações diretamente com o Ministério das Comunicações, em Brasília-DF, para se conseguir a autorização para iniciar legalmente as atividades da rádio.

Com a FM Central fechada e sem os equipamentos de transmissão, os índios começaram a se mobilizar e fazer manifestações públicas para conseguir a concessão do canal. Dessa forma, percebe-se que o processo de luta pela criação da FM Central é resultado do movimento social, cultural e político dos índios Tapeba. As comunidades indígenas organizadas e mobilizadas de acordo com um sentido de luta pela afirmação étnica do povo Tapeba, realizaram diversas manifestações públicas e entraram em contato com os órgãos governamentais para mostrar que a rádio era interesse e necessidade de comunicação de todo o povo Tapeba.

A publicação no Diário Oficial da União da concessão do canal à Associação dos Moradores e Comunicadores do Capuan⁵ – AMCC só foi feita em 2007. Contudo, não estava autorizada pelo Ministério das Comunicações para funcionar. A aprovação final, por sua vez, veio somente em agosto de 2009, após quase dez anos de luta pela criação e legalização da Rádio Comunitária FM 104,9 Central.

A análise da programação e dos produtores de conteúdo da FM Central apresentada a seguir permitirá que se verifique como a emissora contribui para integrar e organizar os povos indígenas, a partir da visão da produção de sentido e de mídia pelos indígenas. E por outro lado, em que medida os receptores dessa programação reagem a essa programação em seu cotidiano e vivências sociais e culturais.

⁵ Nº da Portaria: 863, Nº do Processo: 53650.000177/00

3.2 Produção dos programas da FM Central

Os locutores são de todas as idades e sexos, mas com predominância de homens e mais adultos que jovens, são indígenas da etnia Tapeba e também não-indígenas. Cada locutor geralmente apresenta um programa veiculando o ritmo que gosta de ouvir. Praticamente todos os programas são feitos no improviso, não há uma pré-elaboração do conteúdo, seleção de músicas pelos apresentadores ou roteiro. O programa vai sendo construído a partir da interação com os ouvintes, que ligam, solicitam as músicas e participam do programa.

Em termos gerais, pode-se constatar que a programação da FM Central é mais voltada para o entretenimento: Forró do Batcat, Forrozão da 104, Show do Demar, Jovem Guarda, Programa do Peixoto, Bregão da 104,9, Momento de Reflexão (Palavra de Deus), Bregão da Central, Central Musical, são alguns dos programas que compõem a grade de programação. Todos os programas veiculam ritmos comerciais da cultura de massa - brega e forró são predominantes. Outra influência da cultura não-indígena é o programa religioso evangélico, que reflete a posição religiosa atual de grande parte dos Tapeba.

É interessante destacar o relato do locutor Daniel Rocha sobre sua percepção quando era ouvinte da FM Central.

Quando tocava de primeiro, só tocava música de Toré...Toré, Toré, Toré. Mas agora tem muitas coisas, toca forró, brega, mais brega, toca internacional, música sertaneja, todo tipo de música (Daniel Rocha, 21 anos, Caucaia).

Dessa forma, observa-se que antigamente, quando era “pirata”, a rádio era mais voltada para o movimento indígena Tapeba. Conforme o relato de Daniel Rocha, que não é índio, a programação era basicamente sobre a cultura indígena, “tocava só música de Toré”. Hoje, a rádio tem que atender à diversidade cultural das comunidades, o que envolve índios e não-índios. Ressalta-se que dentro da própria comunidade indígena há diversidade de gostos musicais, como foi percebido na pesquisa de recepção.

Será que a FM Central de Capuan era mais política quando ilegal? E agora, legalmente constituída como comunitária, será que está mais voltada para o entretenimento? Será a programação da rádio um reflexo a complexidade da relação cultura de massa - cultura popular, que faz parte do cotidiano de seus comunicadores - produtores e de seu público - receptor?

De cunho educativo, crítico ou político existiu apenas o **Programa Tapeba Resgate para a Vida**, que tinha como locutores as lideranças indígenas de todas as comunidades Tapeba, aqueles que têm preparo e domínio para falar sobre o movimento indígena e para repassar os seus saberes.

O programa era voltado exclusivamente para divulgar informações, músicas e a cultura indígena. “o povo entrava e fazia o Toré ai dentro do estúdio. Ai batia tambor, fazia aquela zuadona, assim fechado né, ai saia assim no ar, saia legal. Ai pessoal falava “poxa foi bom e tal!” (Adelson Silva, 37 anos, Lagoa 1). Mas atualmente o programa não está sendo transmitido com frequência por falta de locutores, fica apenas o espaço reservado para quando alguma liderança se dispuser a fazer o programa.

Pode-se dizer que este programa é o único, até o momento, em que os locutores realmente produzem conteúdo de forma educativa, crítica, política e direcionado ao movimento social, cultural e político indígena. Entretanto, não se pode deixar de considerar a importância da conquista da emissora para a comunidade indígena.

3.3 Recepção da FM Central pelos índios Tapeba

Optou-se pela pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas com dez ouvintes, sendo 50% homens e 50% mulheres, com idades entre 17 e 53 anos, pertencentes a três comunidades indígenas – Lagoa 1, Capuan e Cacos.

A pesquisa mostrou que o processo de luta para legalização da Rádio Comunitária FM Central de Capuan é amplamente conhecido pelos índios Tapeba. Dos entrevistados todos conheciam, dos quais 80% participaram ativamente da luta, os outros 20% conhecem o processo, mas não atuaram diretamente, contudo sabem da importância da rádio e consideram uma grande vitória para o movimento indígena.

Quando a rádio foi fechada a gente lutou muito pra poder legalizar ela, pra poder hoje ela tá em ação. Então isso é uma vitória muito grande pra gente (Lúcia, 53 anos, Lagoa 1).

Quando se refere a como conheceram e passaram a ser ouvintes da FM Central, 60% dos entrevistados conheceram a emissora em função do próprio movimento indígena.

Perguntou-se se os ouvintes identificavam alguma diferença entre a FM Central e as outras rádios e qual seria essa diferença. A principal diferença que os receptores percebem é o espaço que a FM Central dá para a comunidade participar, opinião de 80% dos entrevistados, ao passo que nas outras eles não tem esse acesso.

Então a diferença é que **o povo participa junto com os locutores** (Antonio Carlos, 23 anos, Lagoa 1).

A diferença é porque **tem maior participação e, principalmente, a participação do povo indígena**. Isso é uma grande diferença (Iracema, 38 anos, Lagoa 1).

Outras diferenças identificadas pelos ouvintes entre a FM Central e as demais emissoras foram: a FM Central permite expandir o movimento indígena (10%), é uma rádio indígena (30%), a linguagem dos locutores, que é fácil de entender (10%), fala com a localidade (10%) e informa sobre o povo indígena (10%).

Eu acho diferença assim porque **a nossa rádio ela é indígena, fala de todo o nosso povo** (Paulo, 27 anos, Lagoa 1).

Quando se perguntou sobre o que os ouvintes mais gostavam na FM Central, mais uma vez, a questão do povo indígena poder participar dos programas é apontada pela maioria dos entrevistados: 40% gostam mais do espaço para o povo participar, 30% dos programas Brega e 20% por conhecer ou ter intimidade com os locutores.

A próxima pergunta foi saber quais os programas preferidos, verificou-se que os programas que tocam o gênero musical brega são os campeões de audiência. Pela ordem os programas mais ouvidos entre os entrevistados foram: 70% Bregão da 104,9, 60% Bregão da Central, 50% Jovem Guarda, 30% Central Musical, 20% Forró do Batcat, 20% Momento de Reflexão (Palavra de Deus) e 10% Forrozão da 104. Isso revela o resultado da interação que esses povos estabelecem com a indústria cultural e os ritmos comerciais e é decorrência do próprio processo de reelaboração das suas tradições e cultura, constantemente influenciada pelo contato com a sociedade em geral.

O programa Tapeba Resgate para a vida também foi citado por um dos ouvintes como programa preferido, apesar de não ter voltado ainda a ser transmitido frequentemente.

Eu gosto mesmo é do programa Tapeba Resgate para a Vida e não tá tendo continuidade, a gente já falou até com o presidente da associação pra poder mandar algumas pessoas lá que tenham o conhecimento, (...) entendendo aí a questão do movimento (...), que é pras pessoas da comunidade Tapeba tenha as informações que precisam (Aleandro, 23 anos, Lagoa 1).

Perguntou-se também se os ouvintes já aprenderam alguma coisa com a FM Central: 20% falou que aprendeu a participar mais da luta, 10% falou que conheceu mais músicas internacionais e 10% comentou sobre o programa Tapeba Resgate para a vida que iria contribuir muito para que os índios pudessem aprender mais sobre o

movimento de um modo geral. O relato dos ouvintes que aprenderam a participar mais da luta indígena é de fundamental importância para o papel que a rádio desempenha de integrar e organizar os povos e comunidades indígenas Tapeba em função do movimento de luta.

Para finalizar as entrevistas foi questionado sobre o que eles achavam que havia mudado nas comunidades indígenas Tapeba ou no próprio movimento de luta dos índios em função da rádio comunitária e, para eles, qual seria o papel da FM Central.

Hoje eu acho que melhorou muito, porque quando acontece uma coisa na comunidade é divulgada sempre pela rádio. (...) É pra isso que a gente quer, pra organizar nossa luta, divulgar nossa terra, divulgar as reuniões, pra divulgar tudo entre nós (Lucia, 53 anos, Lagoa 1).

Mudou porque assim ali no nosso bairro era assim tudo muito desanimado e com a rádio, pelo menos, de manhã quando já começa os programa, onde a gente passa lá é as rádio dos vizinho ligado. Eu acho que mudou, pra mim é uma alegria tá funcionando direto (Maria da Penha, 45 anos, Capuan).

Percebe-se que a rádio assume duas funções principais: primeiro, serve como instrumento de reafirmação étnica, uma vez que é utilizada para publicizar a existência do povo Tapeba, sua cultura e luta pela demarcação de suas terras; segundo, a rádio também veio para promover a integração entre os índios através do entretenimento, onde os índios compartilham momentos de alegria, seja ouvindo os gêneros musicais que gostam, como o brega, ou participando dos programas, pedindo músicas e oferecendo para índios de outras localidades. Esse papel reflete, sobretudo, o resultado do processo de reelaboração cultural indígena com a cultura de massa, na qual produtos midiáticos são apropriados e reproduzidos, passando a fazer parte do cotidiano desses povos.

Ressalta-se que essa apropriação dos produtos e mensagens da indústria cultural não acontece de forma alienada, como pensavam os teóricos de Frankfurt, que subestimavam o poder de reação dos receptores. Como considerou Thompson (1995), a apropriação quotidiana dos produtos culturais acontece dentro de contextos sócio-históricos particulares onde os indivíduos recebem as mensagens, dão significados a essas mensagens e as integram em outros aspectos de suas vidas.

Além disso, o autor afirma que “esse é um processo ativo e potencialmente crítico, em que pessoas estão constantemente envolvidas, num esforço para compreender, um esforço de dar sentido às mensagens que recebem, de avaliá-las, relacionar-se com elas e partilhá-las com outros”. Dessa forma, “se os receptores de

mensagens estão envoltos num processo contínuo de entender, eles estão também envoltos num processo contínuo de entendimento e re-entendimento de si mesmos, através das mensagens que recebem” (THOMPSON, 1995, p. 409).

Esse “re-entendimento de si mesmos” que o autor de refere é fundamental para entender as dinâmicas culturais na contemporaneidade. É preciso entender, conforme Kleber Saraiva (2001, p. 04) expõe lembrando Max Weber (1992), que “toda cultura se transforma independente do grupo social, étnico ou racial que a abriga, e que as modificações culturais não pressupõem obrigatoriamente a supressão das nossas identidades, do que nós somos, do nosso sentimento de pertencer a um lugar”. Dessa forma, a cultura não é algo estático, ela se transforma, é modificada ou reelaborada.

Assim, é preciso assimilar a ideia do índio como grupo étnico, que através do contato constante com outras culturas passa por constante processo de reelaboração de sua cultura. Esta é realizada através de heranças ancestrais de uma origem comum e apelos contemporâneos, como por exemplo, apropriações tecnológicas para publicização e afirmação das suas identidades. Nesse sentido, vale levantar a questão acerca do sentido atual da cultura indígena, visto que são recorrentes as afirmações de que os índios do Ceará, e algumas etnias do Brasil, perderam totalmente sua cultura. É preciso, assim, considerar a dinâmica das culturas e os processos de resignificação que elas fazem sobre si mesmas através do contato com o outro.

4. Considerações Finais

Embora a rádio simbolize uma ferramenta de integração e fortalecimento do movimento social, cultural e político dos índios, porque na prática a programação não reflete esse objetivo?

Por um lado, o próprio movimento indígena sofreu mudanças nesses últimos dez anos e, como a rádio comunitária faz parte desse processo de luta, ela também mudou. Dessa forma, torna-se difícil para que o próprio papel da rádio venha a ser cada vez mais desempenhado para fortalecer o movimento indígena se o próprio movimento se encontra em um momento de refluxo. Assim, se por um lado, o movimento indígena se retraiu, por outro lado, isso limita e modifica a “fisionomia” da FM Central.

Inicialmente, quando a rádio surgiu, o movimento indígena estava mais organizado em torno da reelaboração das tradições e, principalmente, pela reconquista de suas terras. Então, as origens da rádio estavam em torno de uma organização de luta

do movimento indígena Tapeba, o que dava um caráter mais politizado à FM Central, apesar de também transmitir músicas comerciais, como o brega e o forró. A luta dos índios Tapeba, por sua vez, se desenvolve em dois sentidos, vai se tornando mais robusta e a organização da rádio esbarra nas formalidades para se tornar legal, exatamente no momento em que a luta indígena tinha este impulso e começava a ganhar mais espaço. Os próprios índios que lideravam a luta pela rádio eram aqueles mais engajados, alguns na época ainda bem jovens (20 e poucos anos) estavam também à frente da luta pelas retomadas de terra naquele momento. Esse processo de luta foi importante para aumentar a unidade dos índios Tapeba.

No entanto, o movimento indígena passa a enfrentar dificuldades próprias do movimento, pois nenhuma mobilização social dessa amplitude se desenvolve de uma vez. Em todo movimento se evidencia fluxos e refluxos, e os índios Tapeba viveram o auge desse processo de luta, que coincidiu com a luta inicial pela legalização da rádio, e em seguida tiveram um certo refluxo. Possivelmente esse refluxo foi resultado da participação de lideranças indígenas na política local e pelos empregos gerados para muitos índios em função dessa certa “aliança política”. Isso causou divergências internas e dificulta a organização e ampliação da luta indígena.

Portanto, existem dificuldades a serem superadas para que o movimento volte a ter um novo ascenso. Isso talvez influencie no papel e na própria intensidade do serviço que a FM Central pode prestar à causa indígena.

Atualmente, a programação está predominantemente voltada para o entretenimento, semelhante aos programas de qualquer emissora comercial, que geralmente transmitem gêneros musicais como brega, forró e outros de músicas românticas. Sem muitas informações, os programas são elaborados juntamente com os ouvintes que fazem os pedidos das músicas e oferecem para amigos e familiares.

Por um lado, essa ampla programação vem a atender às formalidades que uma emissora comunitária deve seguir, o que acaba fazendo com que os apresentadores e organizadores da FM Central se preocupem em primeiro lugar com a audiência, com as formalidades, ter que “cair no gosto geral”, ou seja, ter uma programação que atenda à diversidade cultural das comunidades, incluindo índios e também não-índios. Por outro lado, os próprios ouvintes se identificam e gostam da programação da rádio, dos gêneros musicais comerciais que são transmitidos. Isso é uma característica decorrente do processo de reelaboração cultural, como já foi falado, onde atualmente os índios possuem traços bem semelhantes a qualquer outro membro da sociedade.

Contudo, apesar das semelhanças da programação da FM Central com as emissoras comerciais, ela é percebida pelos ouvintes como diferenciada. Primeiro, porque é uma rádio indígena. Segundo, pelo espaço que as comunidades indígenas têm para participar da programação.

Por fim, constata-se que a rádio comunitária é um meio de comunicação de fundamental importância para a articulação das lutas desses povos. E, além disso, o processo pelo qual os índios Tapeba tornam-se porta-vozes da comunidade, de receptores da mídia de massa a produtores de suas próprias mensagens e mídias, não se limita ao campo da comunicação, ele inclui a dinâmica da cultura desses povos, num constante “re-entendimento de si mesmos”.

Referências Bibliográficas

- BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. **Tapebas, Tapebanos e Pernas-De-Pau de Caucaia, Ceará:** Da Etnogênese como processo social e luta simbólica. Mestrado em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993 - 30 p. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie165empdf.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2009.
- BEZERRA, Jocastra. **Rádio Comunitária FM Central de Capuan:** A Voz dos Índios Tapeba. Fortaleza-CE: 2009. Monografia apresentada a Faculdade Evolutivo - FACE.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação.** A linguagem em movimento. São Paulo: Senac, 2002. 2 ed.
- DOWNING, John D. H. **Mídia Radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002. Tradução: Silvana Vieira.
- HÁ 500 ANOS. **FUNAI.** Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.html>> Acesso em: 30 ago. 2009.
- NOSSA HISTÓRIA. **TAPEBA.** Disponível em: <<http://www.tapeba.com.br/nossa-historia.php>> Acesso em: 26 mar. 09.
- OLIVEIRA JUNIOR, Gerson Augusto de. **Torém:** brincadeira dos índios velhos. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.
- OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta Sonora:** educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias. Campinas-SP: [s.n], 2002.
- PALITOT, Estevão Martins. **Na mata do Sabiá:** contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)
- PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Comunicação dos movimentos populares:** a participação na construção da cidadania. Petrópolis - RJ: Vozes, 1998.
- RATTS, Alex. **Traços Étnicos:** espacialidades e culturas negras e indígenas. Fortaleza: Museu do Ceará / Secult, 2009.
- SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. **Propaganda ideológica, mídia e cultura indígena no ceará.** In: Tese de Pós graduação em Sociologia apresentada a UFC – Universidade Federal do Ceará – 2001, 15 p. Disponível em: <<http://www.fic.br/v4/revista/pensarcom/02/textos/KleberSaraiva.doc>> Acesso em: 17 set. 2009
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995;
- TÓFOLI, Ana Lúcia Farah. **Retomadas de terras Tapeba:** Entre a afirmação étnica, os descaminhos da demarcação territorial e o controle dos espaços. In: PALITOT, Estevão Martins (org.). Na mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult / Museu do Ceará / IMOPEC, 2009. (vários autores)